5.º ANO LISBOA—QUARTA-FEIRA 12 DE AGOSTO DE 1925 N.º 1332

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 195 Redacção: T. 319
Endereço telegrafico: DIBOA

NÃO esqueça o publico que a pesca é uma das grandes riquezas do paiz—porventura a segunda—de que vive uma população laboriosa, honesta e pacifica, concorrendo em larga escala para abstecer os nossos mercados de viveres e ocupando um logar importantissimo na nossa tão desfalcada exportação. Infelizmente os nossos visinhos, que a natureza não favoreceu tanto como a nós em recursos piscatorios, pretendem estabelecer uma especie de condominio nas nossas costas, privando-nos daquilo que nos pertence e a eles escasseia, a troco de alguns *piropos* em que o seu engenho é fecundamente inventivo. A nossa politica internacional, quasi sempre dormente ou alheada dos assuntos que interessam o nosso nome e a nossa economia de relação, deixou-se surpreender pelos acontecimentos da barra do Guadiana, quasi em branco. Foi necessario que a imprensa se mostrasse renitente ao sistema comodo de deixar derivar os assuntos, como os *ice bergs* nos mares boreaes, para que a opinião se mantivesse atenta, á espera duma decisão, um gesto corajoso e inteligente das regiões governativas.

Honra seja ao sr. ministro da Marinha, que, entre os primeiros se apressou a dar o sinal de alarme, exprimindo-se por palavras que o almirante Magaz apodou de imprudentes por não poder chamar-lhes justissimas!

Cremos piamente que o sr. dr. Vasco Borges saberá defender os nossos direitos das abusivas pretensões da Espanha, pois é um homem novo, cheio de fé, desejoso de mostrar, numa questão dificil, o seu saber, o seu tacto e, sobretudo, o seu brio de português

Convém, no entanto, lembrar-lhe desde já o seguinte: que se não uzar de grande firmeza na sua acção—e para isso necessita conhecer o problema da pesca como os seus dedos—será desalojado sucessivamente de todas as suas proposições, pontos de vista e argumentos, acabando mais tarde ou meis cêdo por acatar o triunfo da Espanha num grande abraço que esta lhe dará com uma comenda por via diplomatica,

Ou neste momento erguemos a cabeça, sem provocação nem sobranceria, ou então temos que a baixar sem remedio.

O tratado de 1893 representa um crime contra a patria.

Em 1913, a Espanha denunciou-o, convencida como estava de conseguir qualquer coisa de melhor.

Houve portugueses que lhe alimentaram essa convicção?

Quem foram? Que blandicias os seduziram?

Para cortar cerces as raises dos calculos interesseiros, é necessario que agora, em 1925, se marque de forma inequivoca a nossa posição em materia de pesca — contente-se a Espanha com as suas aguas costeiras, como nós fazemos com as nossas.

O regime de reciprocidade seria uma burla para nós.

E como, em relação ao Guadiana, já não vigora o ruinoso tratado de 1893, achamo-nos sob as normas do direito internacional, sendo, portanto, de lamentar que a Espanha teime, como no caso da armação *Reina Regente* e no recente aprisionamento dos nossos barcos, em ocupar aguas que lhe não competem, visto que ela propria quebrou o instrumento diplomatico que lh'as assegurava,

* * *

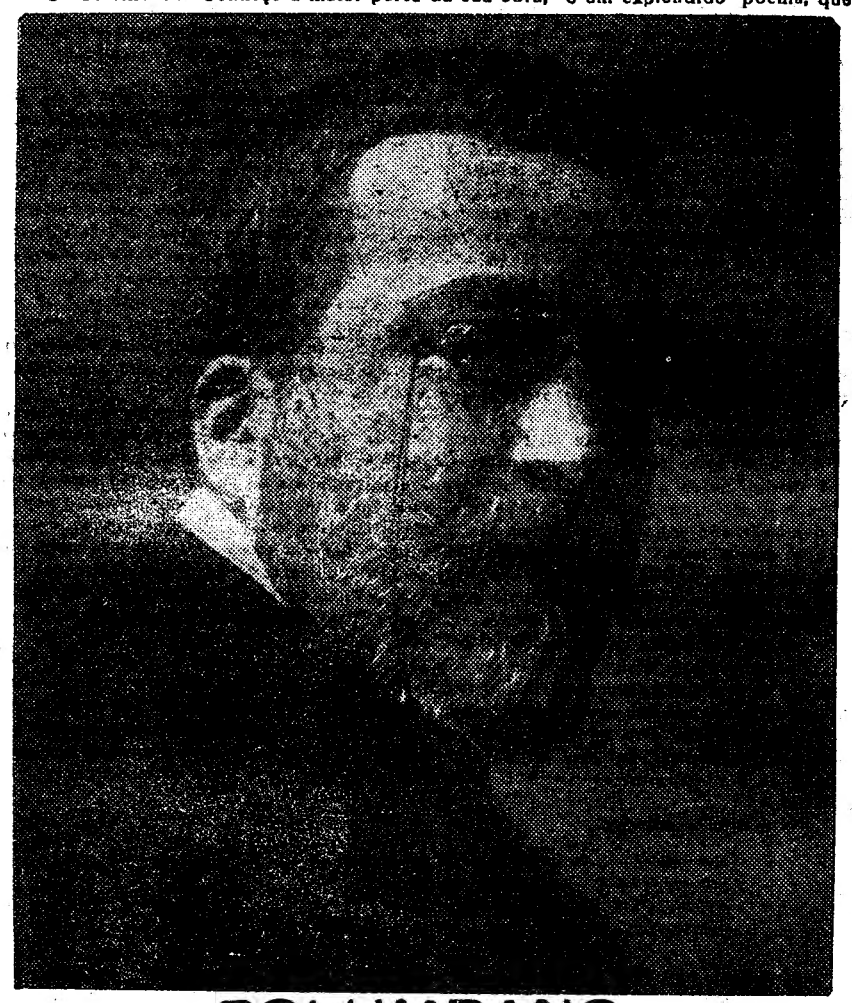
ESTÁ em Lisboa, onde veiu realizar uma serie de entrevistas, o sr. Angel Martin Gonzalez, distinto redactor do diario de Badajoz *El Correo de la Mañana*,

Um mestre

Do Album de homenagem a Columbano, retiramos as palavras que lhe dedicam alguns dos seus admiradores e amigos:

Como poderia eu colaborar nela, já não digo dignamente, mas «respondendo» a escape ás impressões que os seus quadros me têm produzido? Mesmo para tão pouco me faltava o tempo. E' que nunca ninguem viveu em tão ocupada ociosidade como eu, agora. E o tempo que para nada me chega anda-me lestamente. Mais tarde? Sabemos todos nós que a vida não se apressa com a nossa impaciencia, por grande que seja o desejo de a sentir acelerada...

O' Columbano. Conheço a maior parte da sua obra; é um explendido poema, que



COLUMBANO

não revoga nenhum dos poemas anteriores, que são o orgulho da humanidade; antes lhes dá mais calor e claridade.

Como todos os mestres insignes, ele ajuntou um elo de oiro á grande tradição a que o seu genio deu vida nova e maior relevo. E, sem trair a tradição, ele tambem foi revolucionario pela sua formidavel individualidade. Relembro os seus retratos, as naturezas mortais, as paginas decorativas. O' poderoso mestre do desenho, ó supremo feiticeiro da côr que infinita gratidão te não devo eu, pelas horas inolvidaveis que a tua arte me proporcionou...

M. Teixeira Gomes

Quando amanhã se fizer a historia da pintura portuguesa, cinco nomes resplandecerão, com o fulgor do genio, entre tantos nomes gloriosos dos mestres pintores de Portugal:

Nuno Gonçalves, Sanches Coelho, Domingos Antonio de Sequeira, Silva Porto e Columbano.

Julio Dantas

Bem se pode aplicar ao Mestre Columbano o que Faguet diz de Chateaubriand: «c'est un artiste admirable pour trouver le beau partout oú il est, c'est á dire partout.»

Por isso uma mancha de côr, por exemplo uma couve, um pote de Columbano, vale muito mais do que quadros grandiloquos de artistas ruidosos.

Columbano é o revelador do oculto, da alma das cousas, por isso em tudo descobre o Belo.

José Vianna da Motta

Prestar culto a um artista de genio não é apenas um acto de justiça: é tambem uma forma de tacito protesto contra o *Te-Deum laudamos* das mediocridades que diariamente e desafinadamente se esganiça, por aí, a toda a casta de insignificantes.

Mestre Columbano: envergo a minha opa, acendo a minha vela e encorpóro-me na procissão... E' a festa do orágo.

Augusto Gil

Como cultivador apaixonado da theoria das curvas, tenho a honra de saudar o pintor ilustre que tão bem as sabe empregar na arte.

F. Gomes Teixeira.

E' JÁ do dominio universal a noticia de que o economista Keynes casa com a bailarina Lydia Lopokova.

Esta abandona a *troupe* Diaghilew e a cena—para sempre.

Vai ser feliz, no seu lar, sem publico nem aplausos,

Como se enamoraram um do outro?

Keynes, apesar de lidar com algarismos, escreve com eloquencia e paixão. O seu livro, *Consequencias Economicas da guerra*, provocou a alguem esta nota:

—«Este livro tem o andamento dum romance».

Os factos acabam de demonstrar que o andamento não é de romance, mas sim de *romanza*... de amor.

Nunca a economia politica proporcionou tão bem a lei da oferta e da procura—uma só Lopokova para um só Keynes.

Esperamos que se entendam, de maneira que a arte daquela e a sciencia deste se convertam, em familia, na poesia dos ninhos.

* * *

A EX IMPERATRIZ Zita vai dedicar-se ao cinema, a fim de ganhar a sua vida—dinheiro para educar condignamente os seus filhos. Perdeu o trono, o marido, a fortuna... Hoje é pobre e esquecida.

Feliz dela que tem fé no trabalho, acreditando certamente que as coisas do mundo não marcharão tão atropeladas e confusas que, um dia, a Ventura não venha pôr uma corôa na cabeça do seu primogenito...

* * *

A MISSÃO alemã que se encontrava em Madrid para negociar o novo tratado de comercio, regressou ao seu pais desiludida, porque os espanhois não consentem a revisão das pautas alfandegarias. A Espanha, como a Italia, sob a ditadura, sofre ou beneficia daquilo a que se pode chamar a «consciencia de querer», e que sob a egide constitucional é muito mais dificil de possuir.

* * *

ESTÁ á venda a terceira edição dos *Crucificados*, de Julio Dantas — peça representada, pela primeira vez, no antigo teatro D. Amelia, em 15 de Feverciro de 1902.

Do seu valor fala frisantemente o facto de haver sobrevivido ás paixões e animosidades literarias, e porventura politicas, que assinalaram o seu aparecimento em scena.

* * *

RIBEIRO de Carvalho, poeta e jornalista, publicou — edição da «Lumen» — um livro, *Maldita seja a guerra*... que é um brado de consciencia, bem sincero e bem eloquente, contra o odio mortal e criminoso que lança os povos uns contra os outros, nos campos de batalha, com grave dano para a fraternidade humana.

* * *

O PRINCIPE de Gales, acompanhado pelo governador da ilha de Santa Helena, visitou o tumulo de Napoleão, e recebeu, como presente, um pedaço de papel que cobria as paredes do quarto do Imperador dos francezes em Longwood. O principe, como preito á memoria do vencido de Waterloo, plantou junto do tumulo uma oliveira.

* * *

O SR. Armando Luís Rodrigues acaba de publicar duas interessantes conferencias sobre educação fisica, problema que o autor demonstra conhecer em toda a extensão. O sr. Armando Luís Rodrigues, nas suas conferencias, prova não só a sua cultura pedagogica, mas ainda as suas qualidades de literato distinto.

A caridade

Uma princeza na Parede

Não imaginem que é um simples quadro com o retrato de uma simples princesa o que se trata, mas de uma autentica princesa, nada menos do que a filha de um rei ou descendente dele, duma das nossas colonias, que num fragil barquinho querendo aportar á nossa costa, na Parede, abalrroou com uma embarcação de grande lotação, que se destinava a Hamburgo, e o virou, sendo sido salvo por uns pescadores de Olhão, que os trouxeram para terra, desembarcando na praia da Parede, em busca de um hotel, de uma casa de hospedes, de um albergue que os recebesse.

Apenas encontrando a casa do grego que dorme de portas abertas, este senhor que é uma alma compassiva, aprendendo com o proprio infortunio a compadecer-se do proximo, pôs a sua triste choupana ao seu dispôr, mas a princesa, por um sentimento de independencia e de compaixão para com o infortunado grego, gentilmente agradeceu, preferindo umas roches cavadas na costa, onde se alojou com seu marido e ali se instalaram, o mais boemiamente possivel, tendo por mobilia duas mantas que lhes escaparam do naufragio, e por companheiro um belo cãosito preto, muito vivo, que de noite se conserva de sentinela, não deixando ninguem aproximar-se!...

Contaram ao grego a sua historia: vinham da Guiné, das ilhas de Bijagoz, sendo a princesa, senhora dos seus 56 anos, filha ou descendente do monarca daquela nossa posessão, ou seu descendente, e que se dirigia a Portugal, com o fim de passar o verão na praia da Parede, por conselho do seu medico assistente, com o fim de se curar de um mal qualquer da espinha dorsal.

Trata-va-se de passar o verão na praia da Parede e por isso a questão era instalar-se fosse como fosse.

E por mais que o grego instasse para que se instalasse na sua barraca, para o que punha á sua disposição um quarto que tinha devoluto, tanto a princesa como o principe de Bijagoz não aceitaram, preferindo a caverna da rocha, onde se acha á vontade, sem incomodar ninguem e sem ter que recorrer á caridade publica, visto terem perdido tudo quanto levavam, no triste abalroamento, a uma milha da costa portuguesa, de Cascais.

A princesa chama-se Maria Luiza de Oliveira, é muito escura de pele, mas muito desembaraçada, vendo-se que tem tido forte conveniencia com a sociedade branca.

Seu marido, o principe, é cego de um olho e falta-lhe um braço, não dizendo como se acha assim, mutilado. Chama-se José Alves e parece conformado com o seu destino.

Tem sido uma romaria hoje e ontem, a visitar a instalação boemia da praia da Parede, dirigindo-se os visitantes primeiramente á barraca do infeliz grego, a receber informações, e, dali mesmo, lhes é indicado o *hotel* da princesa, como eles proprios apelidam a sua instalação...

A's Senhoras

Capsulinas, para tratamentos varios, ano mia, etc., sistema estrangeira
Calçada da Estrela, 18, 1.º Esquerdo

CINEMA CONDES

HOJE — A's 20,30 horas

Soirée da moda—Reunião elegante

Estreia do delicioso film comico

O ESPANTALHO

1 parte pelos bonecos de L. Starevitch

Em plano sucesso a tragedia moderna

Mãe adorada

6 actos por Lloyd Hughes e Claire Dowell

A comedia de aventuras

Para o Oeste

5 actos por Hoot Gibson

Jornal do Condes 271

TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES

A questão das estradas

resolvia-se com uma verba anual de 101.000 contos

No artigo precedente apontámos o mal, isto é, patenteámos as cousas que impeliram á situação desgraçada que apresenta a nossa rêde de estradas. Hoje indicaremos os remedios, recorrendo, evidentemente, ao estudo e pareceres dos competentes.

Na realização de qualquer obra, é mister e primacial a existencia dum plano seguro e definido, o metodo do trabalho.

Até hoje, mesmo, com a exigua verba orçamental consignada ás estradas, nem sempre os recursos foram bem aplicados. Havia uma pulverisação de verbas para remendagens nos sitios e locais mais favorecidos sob o ponto de vista pessoal e politico.

Iniciado o grande periodo da construção no ultimo quartel do seculo passado e completada a larga marcha fundamental de estradas, mais se tem pensado em construir outras que a poucos aproveitam do que em conservar as de interesse geral. Calcula-se em mais de 1.000 contos as verbas assim desviadas.

Na opinião do actual Administrador das Estradas, um funcionario que todos os seus colegas reputam uma grande competencia e uma forte vontade, o plano dos trabalhos a executar deveria ser o seguinte:

1.º—Conservar cuidadosamente as estradas que se encontram em bom estado—65 0|0 da extensão total ou 8.600 quilometros.

2.º—Reparar e reconstruir os troços de estradas que se encontram arruinados numa extensão de 4.700 quilometros pela seguinte ordem: *a)* estradas internacionais, grandes vias de comunicação nacionais e seus ramais para as estações de caminho de ferro, portos maritimos e centros fabris ou agricolas importantes; *b)* as restantes estradas.

3.º—Terminar a construção dos troços de estradas já começados.

Tratando-se de reparação deveria começar-se pela estrada que vae do Minho ao Algarve, passando por Viana do Castelo, Porto, Coimbra, Leiria, Lisboa, Setubal, Faro, Olhão e Vila Real de Santo Antonio, a grande arteria que constitue por assim dizer a espinha dorsal da nossa rêde de comunicações por via ordinaria. Depois, as transversaes, do Porto á Guarda, por Penafiel, Vila Real, Bragança, Miranda do Douro e Foscôa; de Lisbôa á Guarda por Santarem e Castelo Branco; e de Lisboa á ponte internacional do Caia, proximo de Elvas, por Vendas Novas, Montemór-o-Novo e Vila Viçosa.

Para as nossas condições de transito não ha necessidade de modificar profundamente o nosso sistema actual de construção, permitindo-nos o luxo que ostenta a America do Norte, por exemplo, que está construindo estradas betuliticas com 30 metros de largura, com condutos subterraneos para a drenagem de aguas, distribuição de energia electrica, equipamento telefonico e telegrafico, etc., etc. Em Portugal basta reforçar o empedramento e quando muito proteger este empedramento reforçado com o alcatroamento superficial para facilitar o deslise de automoveis e camiuhões.

O custo minimo da reparação por quilometro é de 80 contos com os preços actuaes de materiaes e salarios. Será de 100 contos com o empedramento reforçado e incluindo as obras de arte. São necessarios, pois, 470 000 contos para reparar os 4.700 quilometros damnificados e quasi que intransitaveis em grande parte. E' impossivel reparál-os duma assentada, mas deve tentar-se tudo para que a sua reparação seja feita no prazo de dez anos, sob pena de entorpecermos a actividade nacional em proporções mais vastas do que o temos feito nestes ultimos tempos, desde a guerra. Precisamos, pois, só para reparação, 47.000 contos por ano. Mas se não acudirmos á conservação complicaremos o problema, vendo aumentar de ano para ano a quilometragem das estradas damnificadas e intransitaveis. Ora a conservação das estradas, ainda em bom ou razoavel estado exige, uma verba anual de 15.000 contos.

Para completar a rêde de estradas que se reputa indispensavel ao nosso desenvolvimento de trafego, faltam ainda 5.200 quilometros a construir. Esta tarefa pode, porém, dilatar-se por um maior numero de anos, vinte, talvez, em vez dos dez que exige a reparação. O custo por quilometro de estrada nova, com empedramento reforçado, não póde actualmente ser inferior a 150 contos, o que dá a importancia total de 780.000 contos, ou o encargo anual de 39.000 contos se a obra a realizar o fôr no espaço de 20 anos.

Resumido, carecemos:

Para conservação, por ano	15.000 contos
Para reparação	47.000 »
Para construção	39.000 »
	101.000

Nada menos de 101.000 contos, pelo menos, nos primeiros dez anos.

Sejam quais forem os sacrificios a impôr, esta verba tem de arranjar-se sob pena do mal se agravar a ponto de tornar-se incuravel.

O principio sobre que se baseia a creação do «Fundo de Viação e Turismo» é absolutamente logico e aceitavel, não nos parecendo que encontre relutancias na cobrança. Quem mais se serve das estradas, mais deve pagar para a sua conservação, reparação e construção; em primeiro lugar os proprietarios de automoveis e, sobretudo o Estado. Este imposto, porém, não deu o que se esperava. Calculou-se a cobrança trimestral em 5 000 contos e deu apenas 1.700 contos. Mas sucedeu peor. O Estado arranjou maneira de eximir-se á subvenção de quaisquer quantias. Recolhe os impostos dos particulares e é apenas o que aplica ás estradas. Ora o Estado, mais do que ninguem, por isso que é o principal interessado, deveria contribuir para o arranjo e normalização da sua rêde de estradas.

Felizmente, dois dos ultimos ministros, os srs. Plinio Silva e Ferreira Simas, corrigiram um tanto esta atitude equivoca do Estado, e a Administração das Estradas, dispoz, no ano economico ha pouco iniciado, duma quantia superior a 20.000 contos, muito insuficiente ainda para o que é preciso, mas o bastante para dar inicio a alguns trabalhos absolutamente indispensaveis. A estrada Lisboa-Cascais será assim inteiramente reparada.

Urge, porém, que a opinião publica, não descuide o assunto, que insista, hoje, ámanhã, sempre, pelo alargamento da verba das estradas, que é uma questão de vida ou de morte para o país, para a economia nacional.

1.200$00 Serviços de jantar em magnifica porcelana estrangeira com finas decorações
Bastos Silva, Ltd.ª—Rua de S. Nicolau, 81

! Prestações !

Calçado, fazendas, fatos, mobilias, chapeus, sem fiador.

16 PRESTAÇÕES

Travessa de André Valente, 7-1.º

(AOS PAULISTAS)

Lanificios nacionais

VENDAS A DOMICILIO

Enviam-se amostras

VICENTE VINAGRE

Arco do Bandeira, 219, 1.º (perto do Rossio)

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa de Brandolin, D. Helena Garcez Ferreira Pinto Basto, D. Francisca de Figueiredo Cabral da Camara (Belmonte), D. Izabel Valado Barbedo Pinto, D. Luiza Maria Salema Avilez Pinto Coelho, D. Maria da Cunha Pimentel de Vasconcelos, D. Emilia Selles y Ribas, D. Maria de Queiroz Montenegro Pinto Moreira, D. Maria Pocariça da Costa Freire, D. Constança Maria João de Brito Osorio da Rocha e Melo, D. Maria Rita Correia de Sampaio de Seabra, D. Leopoldina de Barros Lima, D. Lidia Saraiva Bernardes e D. Idalina da Silva Cabral.

E os srs.:

D. Francisco Maria da Camara, D. Eugenio de Sousa Coutinho de Mendia, dr. Carlos da Silva e Oliveira, dr. José Alberto de Faria, Frederico Navarro Hogan, José Manuel Pinto (Sacavem), José Bento Ottolini Travasses Valdez (Bomfim) e Frederico Manuel Gavazzo da Nobrega Lima.

Casamentos

Pelo sr. Fernando Moreira da Cruz, foi pedida para seu irmão o sr. José Moreira da Cruz, filho da sr.ª D. Maria Candida Pereira da Cruz e do sr. Sebastião Moreira da Cruz, a mão da sr.ª D. Amelia de Sousa Bastos, gentilissima filha da distinta actriz D. Palmira Bastos e do escritor, já falecido, sr. Antonio de Sousa Bastos.

O casamento deve realisar-se nos primeiros meses do proximo ano.

Exames

Fez ontem exame de admissão aos liceus, no Liceu Passos Manuel, o menino Luis Augusto Forjaz Trigueiros, filho mais velho da sr.ª D. Maria Augusta Pereira de Sampaio Forjaz Trigueiros e do nosso presado colega na imprensa sr. Luis Trigueiros, sendo não só aprovado, como admitido ao «Premio Midosi», em vista das classificações obtidas nas disciplinas em que foi examinado.

Nascimentos

Em Vichy teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Maria Leveque Castelo Lopes, esposa do sr. José Maria Castelo Lopes.

Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

Doentes

A fim de convalescer da melindrosa operação feita pelo brilhante clinico sr. dr. Monjardino, partiu do hospital de D. Estefania onde se encontrava em tratamento, para Agualva, a sr.ª D. Amelia Lopes, irmã do sr. José Joaquim Lopes.

Fazemos sinceros votos pelo seu pronto restabelecimento.

Em viagem

Com sua esposa, a sr.ª D. Candida Ferreira, e seus filhos, encontra-se no Luso, o professor do Liceu Camões, sr. dr. José Joaquim Ferreira.

Os espectaculos no "Bal-Tabarin"

Estrela Castro—Um curioso combate de «box»

Está dando os seus ultimos espectaculos no «Bal-Tabarin» a deliciosa «tonadillera» Estrela Castro, artista de rara formosura e invulgares meritos, que a consagraram desde o inicio da sua triunfal carreira. Não é, portanto, exagero assegurarmos que a noite de hoje constituirá uma das mais festivas do confortavel «cabaret» da rua da Gloria, onde a mais escolhida mocidade lisboeta estabeleceu de ha muito um dos seus predilectos «rendez-vous».

Estrela Castro, que, como dissemos, está dando os seus ultimos espectaculos em Lisboa, interpretará interessantissimos numeros do seu escolhido repertorio.

No proximo sabado, ás 10 horas da noite, haverá um combate de «box» entre «La Mora»—encantadora artista do genero alegre—e uma gentilissima americana. Damos esta noticia na absoluta certeza de que o publico a acolherá com o maior entusiasmo, pois se trata dum espectaculo sensacionalissimo.

CARTAZ

TEATROS

Apolo=A's 21,30=«O Moleiro de Alcalá» e «D. Ramon de Capichuela».
Politeama=A's 21,30=«O Leão da Estrela».
Eden=A's 21,30=«A cidade onde a gente se aborrece».
Maria Victoria=A's 20,30 e 22,30=«Rataplan».
Coliseu dos Recreios=A's 9=Torneio de luta e variedades.
Salão Foz=A's 20-45=Variedades e cinema.
Bal-Tabarin=A's 21=Variedades.
Salão Alhambra=A's 21=Variedades.

'Stá na moda, no bom tom Dar ás visitas BEM-BOM.

EXCURSÃO a PARIS E BRUXELAS

Partida a 2 de Setembro, 6 dias em Paris e 3 em Bruxelas, 2.ª classe em comboio rapido com todas as despezas pagas.

Preço 2:250$00

Inscrição, informações e programas na Alfaiataria Arcada de Londres R. dos Fanqueiros, 302-304.

PAGINA DUMA TARDE DE OUTONO

ARABESCOS

para o prefacio

da obra de João Lino

«—Havia nela três coisas que sobretudo me encantavam:

As suas mãos brancas, tão doces, de dedos afilados que eram caricias de nevoas; a sua boca de volupias e sorrisos inebriantes que deixavam ver os seus dentes dum nacar explendoroso; os seus cabelos de sêda e oiro, separados em duas longas tranças que punham sombras sobre os seus seios...

... ...

«Quando ela partiu, ficaram-me três cicatrizes:

Os seus dedos afilados, que eram caricias, rasgaram-me a carne com as suas unhas côr de rosa... Os seus dentes, dum nacar explendoroso, imprimiram sobre o meu corpo curvas lascivas de dôr... As suas duas longas tranças, que punham sombras sobre os seus seios, deixaram-me no pescoço a marca dum estrangulamento...»

Lia eu, de gosto exacerbado, esta pagina saborosamente otomana do Livro-Harem que o meu amigo escrevera com o seu sangue voluptuoso de artista como se espremesse um sangue de dálias vivas em bocas lésbicas de sultanas, quando a «boa nova» bateu á porta do meu «étage». E exaltado até ao delirio rulvo em minha particular maneira de sentir — esta exquisita tulipa de sedas e pedras finas que, a despeito do riso gorilóide que patina o fascies da vida de hoje, faz em minha imagem interior os dotes supremos do homem espiritual que sou; exaltado, com efeito, pela magia da côr de oiro desta noticia convulsionante, incisiva para a epiderme gotosa dos banais «jour-à-jour» da terra: que Z. acabava de chegar de Bisancio, a capital — odalisca das satanizações do Sonho e do Belo — eu não resisti, por conseguinte, ao ópio borracho que de caminho a minha sensibilidade começou de sorver sádicamente por seus mil élitros de ambar e turqueza de besoiro da Estesia.

A tarde, algodoenta e pastosa, escorria tedio de suas nervosadas veias schopenhaureanas, patetica, doente, duma patologia cancerosa de eremita tresmalhando agonisadoramente seu impossivel erotismo de homem, sorrado de sugestões inclementes, pelos torvos silencios de claustros medievanos...

E no chap-chap calcurriante das azinhagas vesgas da cidade, eu lá fui até á casa de arte, nimbada em sua côr dum fundo antigo de tijolo mourisco, do doce amigo e esteta das «Horas Arabes».

Os portais do casario — hediondas pustulencias de serralho mercieiresco corcomendo a andrógina fisionomia da cidade — abriram ao ar da tarde suas bocarras deformadas, como alcovas de vicio, estadeando aos olhos dos que passavam a torpeza pornografica dos «interiores» pobres: e eram carnes de efebos misturando os sexos a ensaiar a crápula; cabelos luminosos de Murillos trescalando a peixe a ao sebo imundo dos bastidores conjugais; farrapos pintalgados de sangue e impureza, bugigangas obscenas, toda uma suburra escorrienta e maltrapilha, enfim, de objectos e atitudes miseraveis.

Num segundo andar burguês, em cujos frisos de alvenel rico parecia gritar, desoladoramente, a queixa de dois milhões de clientes expoliados ao balcão do sr. Fulgncio & C.ª, Limitada, uma figurita rara de Memling como um franzino jade de exposição boiava pela tapeçaria verde do jardim seu nostalgico olhar de princeza sem reino, desejando, sonhando espasmodicamente, embalada em não sei que insolita visão de afroditismo mental, como em deliquio-lilaz a deixava sonhar sua cançada halucinação de onanista incorrigivel.

Rua de... n.º... E o coração batia-me apressado. Em breve eu iria mergulhar na agua lucida de meus olhos a figura esbelta d'Aquele que das grandes capitais da Luz e do Som, em verbo ductil e flagrante como um estandarte beduino, saberia dizer a palavra do seu embruxado sortilegio.

«Je suis entré»...

De repente, rapida, feérica, mitologica, uma figura de mulher perpassou na sombra leve de seus passos aéricos de plumas, segurando nas mãos delgadas, num gesto de rito sagrado, a pequenina tripode cinzelada da grande Deusa, onde um carvão aromatico ardia religiosamente como no tempo de Apolo hermetico e ia parabolando no ar morno volutas de liturgia helénica...

Gracil, ondeante, harmoniosa, silhuetando as figuras coreograficas que Pierre Louhs fez lacar no oiro fosco das paginas enritmicas das «Chansons de Bilitis», projectada no fundo policromico do aposento, onde deslizou silfidicamente como no sonho duma cerimonia de muito grego, esta neo-sacerdotiza de Vesta dirigia-se, afinal, ao Grande Templo onde o artista deleitava sua presença.

Afastou-se o reposteiro espesso. E carinhoso, nimbado de graça elegante, belo, o esteta Z. ergueu-se para mim e na emoção do seu abraço eu senti logo o contacto magnetizador daquela voluptuosa e chocante Civilização que ele trazia das suas viagens pelas «urbs» estesicas da Terra e ardentemente bisantinava seus gestos calmos de Rajá.

Seniei-me. E bebendo no mel do silencio que nos cercava com sua teia hipnotica de legendas o fio beethoweano da sua voz de mago, meus olhos e mais que eles o sensual e nervoso apetite de minha acerada sensibilidade, iam devorando lentamente, numa vermelha raiva de Beleza — vinte anos gritando seu doentio desvaro espiritual —, a colorida penumbra doce e abdulina do Templo que me acolhia e onde um bizarro «étalage» de milionario da Emoção insculpia relevos de Arte e arrebatamento.

Palmilhadas em imaginativa as «Mil e Uma Noites» flavas de todos os possiveis sortilegios á face deste mundo de Deus, por mais que palpasse com minha razão as quatro paredes que, claramente, a meus olhos, me separavam do horrivel e suicidico «lá por fóra», eu não podia submeter-me á incompreensivel opinião de que estava ali, entre a confidencia pérsica dos estofos e a atmosfera hieratica de aromas rituais, em frigido e portuguesissimo contacto com o drama pulha das coisas materiais de «cette vie maudite te preciense»... A aguia real do Sonho batia as asas flamantes e sobre elas, magnificos e imperiais, meus sentidos iam tacteando com o requinte lasso duma volupia sodomita em carne setinea e mordente, e nesta analise voluptuosa o «além» do salão revelava a sua voz interior e musical e vinha todo ajoelhar ante a religiosa vertigem de minha estupefacção de beduino ás portas hieraticas de Meca.

A meio da quadra, sobre uma mesa onde os veias brancas dum solitario alimentavam o capricho exul dum feixe de rosas adolescentes, frescas, romanticas, como as rosas «jaunes», «rouges» e «blanches», dum «air malade», de que fala o poema rubaaiyático de Omar Khayyam, ao meio, dizia, a pequenina tripode brilhante enviava para o espaço a reza opienta dum fumo sacro em louvor dos deuses...

Pelas paredes deliradas de escarlate, onde os zelosamentos da luz punham ruivas histerias de sangue mourisco, um museu «raffiné» de «bibelots» de arte e delicadas investigações de Beleza plastica asfixiavam a imaginação com o loiro incenso da estesia—mil côres.

Uma copia do quadro-laca «Femme», do pintor fielandês Knapé, «La Vague», de Seignac, o «Homme Nu», do veronês Arduino Colato, um Degas impudico, mordiam a gritos halucinatorios as cordas doentias do sensivel stradivarius do Desejo.

Num fundo torrado de estofo do levante, uma Solomé seculo vinte estadeava a litania lubrica da sua nudez de apetites e de queixumes, como a sonhou Wilde.

Edições «precienses» das montras da Cidade Luz incrustavam-se agradavelmente na bordadura das «chaises» e moveis caprichosos... «Les Vies Enclosés» de Rodenbach, os versos de alcova de Geraldy, todos os poetas elegantes do Amor e da Arte tinham ali sua melodiosa voz interior, musical, ritmando-se na penumbra-oiro da deliciosa palavra escrita.

E Z., homem belo e sobretudo artista, nos habitos, nas atitudes, na maneira de sentir, de viver e repousar, até, falava docemente, em arcos musicais, como outrora falaria Petronio recostado no jade morno dos braços harmoniosos de Eunice...

Enterrado entre almofadões côr de topazio e morango, todo ele vincando aquela indolencia comoda que conduz á Perfeição — como refere o aristocratico lapidario—ironista do «Portrait de Dorian Gray» —, a sua voz, lenta na dicção hipnotica dum verso de Mallarmé, impressiva no recorte duma scena de Marlowe, e alcoolisada duma lascivia patetica ao comentar Gogol e Poë, continuava descrevendo o Estranho das terrinhas de nevrose de arte a que sua gandaiante febricidade o tinha arrastado um dia.

Uma nova mancha elegante de adolescente decorou o aposento. Serviram-se frutos. E os labios, esmagando as polpas carnosas e vermelhas, enchiam-se duma voluptuosa imagem de sangue e de amor e como huma orgia de alcova deixavam cair o mel safico das frases augustas que perturbam.

A seguir, a liquescencia florentina do chá loiro, encerrado nas taças de porcelana como pequeninos lagos italicos, irisava transparencias doiradas de baladilha moira e poentina.

A pira tinha agora um grande novelo ametista de fumo sagrado. E as almas dos grandes Iniciados pareciam acordar e encher o aposento com a sua presença misteriosa. Na penumbra desenhava-se a forma imaterial dum loctus purissimo dentro do qual se juntavam as almas de Nitockris e da filha do rei Cheops ao espirito sublime de Platão.

Entretanto, figura cansada de decadentista sobre a elegancia fria dum verso rubendariano, Z. levava aos labios vermelhos de patricio a laca aromatica do «impérial tea».

Epilogo de futilidade e de sonho intenso, os nossos cigarros acenderam-se depois e puzeram em redor dos nossos cerebros um ambiente precioso e enervante de quimeras asiaticas, sulamiticas, deficiosamente irreais...

... ...

Cheguei de novo á rua — esse psicologico cartaz de almas e perversões aristocraticas.

A cidade barrava-se de noite: farrapos de treva chapeando o espaço, o vagalhão negro da sombra amordaçando a guela dos portais. Luciferavam já pupilas lorasicas de fera nos miradouros ignobeis das mansardas. Chovia. (Era uma «mélange» de odio e irritações nervosas). E as blasfemias amargas do homem-pelintra de Gorki e Turgueneff, esparrinhavam, concavas de torpitude, nas pedras enlameadas das esquinas. Dir-se-ía que a alma patibular das multidões andava a ulular na voz da chuva seu estrofico rosario de angustias—crime e implacaveis retaliações sociais.

Cheguei de novo á rua. E então, calcurriando assim, apressado e transido este «trottoir» de Despreso que ha meio seculo anda a ser cantado em prosa e verso pelas literaturas de baixa estofa, eis-me a reconsiderar na obsidente tarefa mental a que me algemara a elegancia afavel do esteta Kediva das «Horas Arabes» para que ás suas opientas meditações de filosofia e arte antepuzesse o desenho critico dos meus raciocinios literarios.

E de caminho me ocorreu que nenhum outro processo seria tão digno e tão justo como este retrato em arabescos caprichosos de sensualia, da cronica carbunculada que aqui fica.

ANTONIO DE CERTIMA

RUGRA Navalhas de barba Laminas Tesouras **RUGRA**

Vejam a exposição destes artigos na casa

V.ª THIAGO DA SILVA & C.ª, L.DA — Rocio, 94, 95

"A Catedral"

por Manuel Ribeiro

Acaba de ser posta á venda, em **edição especial de luxo, grande formato, magnificamente ilustrada** por Alfredo Candido, com belos desenhos á pena, aguareia, etc., ineditos da Sé de Lisboa.

Esta edição restrita, com os **exemplares numerados e assinados pelo autor,** foi posta á venda a 50$00, pelo correio mais 3$00.

Pedidos á casa editora — **Livraria Renascença — J. Cardoso** — Rua dos Poiais de S. Bento, 27, 29 — Lisboa.

A' venda nas livrarias.

Não ha velho nem garçon Que não goste do BEM-BOM.

AÇO DE MOLA — AÇO PARA CALÇAR

DOS MELHORES FABRICANTES DO MUNDO

ANTONIO BRAGA

Rua da ...osa, 181 a 185

Vale Cavalos

a melhor agua de meza digestiva, muito eficaz para o bom funcionamento intestinal. Exijam-na em toda a parte. Pedidos pelo telefone 2951 N,

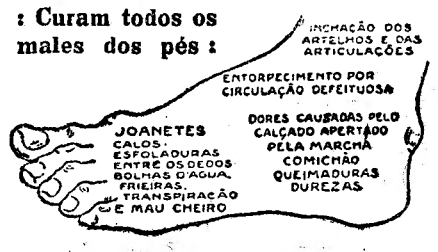
R. 1.º de Dezembro, 7

Manteiga finissima marca sem rival

Recebida directamente, em latas de 1, 1/2 e 5 quilos. Grandes descontos aos revendedores. A. de Brito L.da. Praça dos Restauradores, 13, 3.º, porta 87. Telefone N. 3300.

Saes "DERMOXA,,

: Curam todos os males dos pés :



O melhor contra a transpiração

A' venda em todas as farmacias e drogarias

Deposito: **Mario Brandão, Ltd.ª**

RUA EUGENIO DOS SANTOS, 99 —=— LISBOA

N. B—Exijam os verdadeiros Saes «Dermoxa» e recusem as imitações que não têm nenhum valor curativo.

Laboratoires: Nante, 62, Avenue Gambetta, Paris.

Restaurant VIGIA
Magnifico serviço de mesa redonda
Almoços a 10$00
Jantares a 12$00
Grande redução nos preços de serviço por lista

A Cidade

Dr. Albino Pacheco
Regressado do Rio de Janeiro
CURAS PELA HORMOTERAPIA
Reabriu o consultorio
Rua Nova do Almada, 80, 1.º
Da 1 ás 3 horas — Telef. Central 535
Residencia Telefone C. 2577

Chá das cinco

Cravos

Como sabem, o cravo é uma flor. Uma flor nacional. Uma flor vaidosa. Uma flor petulante. Ultimamente, lembraram-se os politicos de o usar na lapela — para se distinguirem uns dos outros. O cravo passou a ser uma flor politica, uma flor do mal. E a verdade é que se tornou uma flor cara — para certos politicos uma flor de duas caras...

Cravo encarnado, com tons de veludo carmezim ou de vinho tinto com sifão — quere dizer politico da esquerda.

Cravo amarelo, com tons de topazio ou de vinho branco tambem com sifão, quere dizer politico do centro.

Cravo branco, com tons de açucena ou de saboroso aniz del moño, quere dizer politico da direita.

Brancos, amarelos, vermelhos — os cravos pululam no jardim florido da politica nacional. Entram no Parlamento, saem dos Directorios, sentam-se á mesa em Belem...

Ha tambem quem use a mimosa flôr nas plantas dos pés, e, nesse caso, o cravo é a flôr simbolica da delicadeza parlamentar.

Com uma tal abundancia de cravos, era natural que o pais acabasse por ficar encravado. E anda agora toda a gente á procura dum operador que o desencrave...

Norberto Lopes

REINALDO FERREIRA
partiu hoje para a Russia

Realizou-se esta madrugada, no «Bristol Club», o banquete de homenagem ao nosso brilhante colega Reinaldo Ferreira, que partiu hoje, a bordo do «Flandria», da Mala Real Holandesa, para a França, de onde seguirá para a Russia, a fim de efectuar uma grande reportagem para o nosso colega «A. B. C.»

O banquete decorreu muito animado. Usou, em primeiro lugar, da palavra o nosso camarada de imprensa sr. Ferreira de Castro, que exaltou as qualidades de trabalho do homenageado, definindo com palavras entusiasticas os modernos processos de jornalismo de Reinaldo Ferreira. Em seguida, Mario Domingues recordou os tempos de escola de Reinaldo Ferreira e a sua ascensão á alta categoria que hoje ocupa no jornalismo português. Tambem Carlos Ferrão lembrou a campanha contra o Directorio e o actual conflito do Guadiana, o que provocou fartos aplausos de todos os convivas. Por fim, o distinto baritono Antonio Caldeira, recordou a vida de vagabundagem de Reinaldo pela Europa.

O homenageado teve para todos palavras de sincero agradecimento.

A bordo do «Flandria» estiveram muitos jornalistas apresentando as suas despedidas ao nosso colega Reinaldo Ferreira.

Tauromaquia

A corrida de gala de ámanhã

Deve ser brilhantissima a tourada de gala de ámanhã á noite no Campo Pequeno, porque os touros são do acreditado «ganadero» Joaquim dos Santos e entre os lidadores ha toureiros como Simão da Veiga, filho, e como o novilheiro José Garcia «Maera II», que na ultima tourada com desembolados, foi quem deu a nota mais completa de animação. Entre os restantes lidadores figuram o cavaleiro Rufino da Costa, alguns dos melhores bandarilheiros portugueses e espanhois e um grupo de rijos pegadores chefiados pelo «Chico de Sintra».

Malas postais

Amanhã são expedidas malas postais, pelo «Desirade», para Dakar, Guiné e Pernambuco, e pelo «Demerara», para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, sendo a ultima tiragem da caixa geral, respectivamente, ás 7 e ás 11 horas e fechando os registos para o «Demerara» ás 9 horas.

UMA OBRA A COMPLETAR

O Hospital do Rego, que é um autentico mundo morto dos sequestrados da saude, começa a estar á altura da sua missão

segundo

pudemos ver

O Rego! O hospital do Rego! O mundo dos sequestrados da vida e da beleza da vida! Os tuberculosos, os empestados, os diftericos, os leprosos, os envariolados, aqueles de quem — quando a gente passa no automovel, a correr, a correr — se diz: «depressa, depressa deste sitio para fora»!

Parece assim que o Rego tem qualquer coisa de repugnante e fetido, como um cemiterio de vivos, á espera da purificação da morte.

E nada menos verdadeiro.

O hospital do Rego, com as parcas dotações orçamentais para os hospitais civis — é um recinto limpo, arejado, ajardinado, claro, com os seus pavilhões de isolamento e sombra, cada vez melhorando de condições e que começa a estar á altura da sua missão.

* * *

Por exigencia do oficio, e como consequencia de uma carta recebida, ha tempos, neste jornal — propuzemo-nos percorrer o edificio e visitar os pavilhões.

Foi-nos facil.

O hospital — que nós imaginavamos uma especie de gafaria, deposito de gente podre, ante-camara de um guano humano — é anexo ao hospital de S. José e, como todos os hospitais civis, está sob a direcção de um homem, que passa por irrascivel á força de ser recto, um médico cirurgião distintissimo, um pouco duro com jornalistas, na aparecencia, mas a quem — dizemo-lo já sem favor e por dever de consciencia — o Estado, a população de Lisboa e os pobres devem inestimaveis, insofismaveis serviços: o sr. dr. João Pais de Figueiredo.

Com sua autorização caimos de chofre no Rego. O não menos distintissimo medico deste Hospital, e Inspector de Higiene dos Hospitais Civis, o sr. dr. José Alberto de Faria, deu-nos alguns esclarecimentos sêcos, que nos elucidam vagamente. O que vimos e contamos foi tirado da nossa impressão directa e livre.

Para nem tudo ser mau em Portugal declaramos já: o Ministerio do Trabalho está a ser bem servido pela Direcção dos Hospitais. Tem obrigação de reforçar verbas e de dar todo o apoio financeiro e moral áquele medico e apaixonado da causa humanitaria dos Hospitais.

E o publico, servido em S. José e na Estefania, em Arroios, no Rego, em todos os anexos por medicos eminentes e cirurgiões notaveis — principalmente em S. José, e oportunamente lembraremos á Cidade os nomes desses medicos e cirurgiões — tem que confessar a divida que está mantendo perante o dr. João Pais de Figueiredo e seus colaboradores.

* * *

O Rego, antigo convento, data como Hospital, de 1906. Então servia razoavelmente. Obra de Curry Cabral, medico notavel e trabalhador, cirurgião-mor dos Hospitais, o edificio se serve ainda hoje deve-se a obras, que nos ultimos tempos, poucas obras, lhe tem sido feitas.

Tem 14 medicos, e um pessoal de enfermagem deficientissimo, mas dedicado, sacrificado, disciplinado e modesto.

As enfermeiras — naqueles depositos de infectos e contagiosos — fazem milagres de monjas.

E se é certo que os doentes se queixam — os doentes em nossas proprias casas se queixam — é que muita gente ignora o que seja essa profissão, na qual a alma humana, por muito que se sacrifique, alguma cousa conserva naturalmente de seus defeitos originais.

* * *

Vimos, primeiro, os pavilhões dos leprosos, excedida a lotação. Que se hade fazer aos leprosos, visto que não ha uma gafaria?

E os leprosos são horrendos, desde um velho mutilado, a escorrer pestilencias, a um petiz de nove anos, que é uma dôr de alma contemplar. E as leprosas — são um castigo inocente sobre mulheres sem liberdade, nem consciencia já de que ela existe, sobre rapariguinhas e velhotas lazaras a pedir que fechemos os olhos aos olhos delas fechados para a luz.

Mas nestes pavilhões, o asseio é completo e a ordem absoluta.

Noutro pavilhão estão as crianças de tosse convulsa. As caminhas, ao longo das enfermarias, tem os petizes como bonecas. Tossem, tossem aqui e ali, de arripiar, e os convalescentes brincam, ao sol, entre flôres, com pedrinhas e inocentes brinquedos.

O mesmo asseio, a mesma claridade, a mesma higiene.

O hospital tem agora, na totalidade, 400 doentes. Já teve 1.200. Presentemente as doenças infecto contagiosas, excepção á tuberculose cirurgica e medica, diminuiem.

As enfermarias dos tuberculosos não sendo nenhum Sanatorio obedecem ao possivel indicado. Pela acção do dr. Pais de Figueiredo construiu-se já uma nova e clara enfermaria, que levou cerca de 100 contos, o custo arrancados á economia geral dos hospitais.

Num hospital desta natureza a agua é o primeiro elemento.

Pois ali faltava a agua!

Fez construir a actual Direcção — honra lhe seja — um deposito de agua, com a capacidade de 100 metros cubicos, que garante o tratamento balneoterapico e a limpeza, que em tudo se nota.

Falamos dos tuberculosos. O leitor nunca ouviu: «F, coitado, está no Rego...»

Mas o Rego não dá a saude aos turberculosos. Hospitaliza-os e cura os curaveis. Em Portugal ha deficiencias para instalação dos tisicos. A Guarda e o Lumiar, da assistencia superior do notavel medico e grande homem de sciencia que é o dr. Cassiano Neves, não chegam.

E então — Rego te valha. E o Rego, é um deposito de tuberculosos.

Apesar disso a mortalidade é a normal e o tratamento o melhor possivel.

Ha terrenos livres no Lumiar. De duas, uma cousa ha a fazer. Ou esse terreno é cedido pelo Estado sem encargos aos hospitaes civis, para estes lá construirem o seu Sanatorio, ou os hospitaes civis entregam ao sr. dr. Cassiano Neves uma verba que possuem para estes serviços urgentes, e assim as obrigações se fixam, com beneficio para a população crescente, alarmante dos tisicos em Portugal.

* * *

O Rego, como nós o vimos, é um pequeno exemplo de milagre de higiene e de administração, desde as enfermarias ás cosinhas, das estufas aos laboratorios, onde tudo é insuficiente pela falta de verba, mas ainda assim satisfazendo as exigencias normais.

As aquisições de material têm-se gradualmente feito. Mas os outros hospitais precisam de obras constantes, e só por uma vontade de ferro, aquilo está no estado satisfatorio em que se encontra.

O edificio, porém, é velho, e ameaça ruina aqui e ali. Se se concerta o edificio, falta o dinheiro para o urgentemente necessario.

A impressão salutar que trouxemos desta visita, dá-nos autoridade para dizer ao sr. ministro do Trabalho que não abandone os orçamentos dos hospitais, e lhes favoreça reforços de verba, não só para obras e materiais, como para o pessoal. O actual fiscal — 40 anos de serviço! — é uma garantia de honestidade e zêlo, e a actual Direcção e Inspecção de Higiene outra garantia de que a população fixa ou flutuante dos infecciosos e contagiosos tem onde se recolher, curar ou permanecer — como num jardim de triste repouso.

AS NOSSAS COLONIAS

A CRISE
DE ANGOLA
apreciada
pelo deputado
Nuno Simões

O sr. dr. Nuno Simões, actual ministro do Comercio, tem-se dedicado a estudos coloniais.

Transcrevemos, pelo seu aspecto optimista, mas vigoroso, as opiniões daquele ilustre homem publico, sobre Angola, a sua crise, e a sua situação bancaria, opiniões expandidas, em entrevista, na «Revue Coloniale Belgo-Portugaise», de Bruxelas:

— A crise de Angola, participando das causas gerais que afectaram o mundo inteiro, participa de mais uma, talvez a peior de todas: o exagero. A crise de Angola é grave, sem duvida, mas não é dificil nem insoluvel. Consultando com serenidade as estatisticas da provincia, facilmente se verificara que Angola entra, sobre todos os aspectos, numa fase de progresso e de ressurgimento que não deveria permitir, nem mais um momento, essa campanha de derrotismo que tanto mal nos tem feito. Essa campanha, esse descredito é tudo quanto ha de mais ilogico. Senão vejamos: operou-se, por ventura, alguma profunda transformação na qual tivessem subitamente desaparecido os recursos da provincia e as suas riquezas? A terra naquela colonia deixou de um momento para outro de ser improdutiva, inculta, uma terra enfim onde podessemos semear todas as nossas esperanças mortas? De modo nenhum. Podemos até acrescentar: trabalha-se hoje com mais energia, com mais fé, para arrancar ao solo um maior volume de riquezas.

— Então a que atribue V. Ex.ª a crise de Angola?

— A' questão bancaria a que está ligado o problema das transferencias. Foi no momento em que deixou de haver transferencias que a crise começou a tomar o aspecto alarmante que tem vindo evolucionando até agora, arrastando atrás de si todos os exageros, todos os erros de interpretação que ainda mais a avolumam. Os anos de 1921 a 1923 passaram sem dificuldades de maior, não dando margem a preocupações quanto á satisfação dos encargos contraidos nos emprestimos destinados ao vasto plano de fomento empreendido. Em principios de 1924, surgem as dificuldades, com a necessidade sempre crescente de cobrar dinheiro a satisfazer encargos, quer para Portugal, com os particulares e o Estado, quer ainda pelos pagamentos a efectuar nas diferentes praças estrangeiras donde vinham os materiais a empregar nas obras de fomento da provincia.

«Dá-se então o alarme, aparece a crise, desenrolada com as mais negras côres. No final era apenas isto: as receitas aumentavam mas a moeda de Angola era só para Angola, e para passar para a Europa tinha de sofrer a conversão. Os generos ricos que a provincia produz passaram a substituir a moeda de fora, que com as dificuldades de mobilidade atrai uma tal competencia que atira esses generos para desproporcionais cotações, muito mais elevadas dentro do que fora de Angola.

— De modo que a crise de Angola não é assustadora...

— Já lhe disse que não. Logo que se normalise a situação bancaria, se consiga fazer parar a campanha de descredito, a situação modificar-se-ha automaticamente. A provincia é rica, é mesmo muito rica, e cabem lá todos os bons esforços e iniciativas. Assim, não deve, por exemplo, esquecer-se o que representa para a riquesa da provincia o Caminho de Ferro de Malange.

Não houve conselho de ministros

Ficou sem efeito o conselho de ministros que devia realisar-se hoje, de manhã, na secretaria do Interior, em consequencia de continuar detido em casa o sr. ministro do Comercio.

Teatro Salão Foz
ANGELINA D'ARTES
ROSARITO MORENO
ALEXANDRE DE AZEVEDO
TINA COELHO
TERESITA NACIONAL

A Cidade

TIVOLI Telefone N. 5474
HOJE - A'S 8 3|4 - HOJE
A MORTE DE SHAKLETON
«O testamento do capitão Applejack»
Uma revista de actualidades
Elegancias parisienses

NO TRIBUNAL MILITAR

VÃO SER

JULGADOS

este mês

os implicados

no 18 de Abril

O processo referente aos oficiais, sargentos e soldados que tomaram parte no movimento de 18 de Abril, encontra-se ha dias no tribunal de Santa Clara. Sabemos que, no momento presente, se está procedendo á entrega das notas de culpa aos acusados, serviço este que tem decorrido com uma certa morosidade, devido ao grande numero de presos e ao facto de se encontrarem em diferentes situações. Terminada esta diligencia, o processo aguarda o prazo legal para a contestação e oferecimento das restantes testemunhas.

Só depois de expiado esse prazo, o processo será enviado ao auditor, a fim de o examinar, no prazo de 48 horas, em seguida ao que será presente ao presidente do tribunal, para ele designar o dia do julgamento.

Segundo nos afirmaram, este deve efectuar-se por todo este mês, numa das salas do Tribunal Militar de Santa Clara. O processo consta de 6 volumes. Neste julgamento apenas intervêm três advogados, que são os srs. major Tamagnini Barbosa e capitão Cunha Leal, e o defensor oficioso.

Ao contrario do que se afirmou, não é verdade que o processo em questão esteja decorrendo com alguma demora propositadamente no tribunal, para dar tempo a que seja aprovada no Parlamento a amnistia.

Sabemos tambem que o distinto juiz sr. dr. Almeida Ribeiro esteve hoje a compulsar alguns processos do 18 de Abril.

Segundo as nossas previsões, os julgamentos devem durar uns três meses.

O estivador

que matou a tia

E' amanhã enviado para o Tribunal da Boa Hora, o estivador Bernardino da Costa, acusado de, na noite de 18 de Setembro de 1924, ter morto sua tia Maria Rosa dos Santos.

Pelas investigações a que o agente Pinto Ribeiro procedeu, averiguou que, de facto, o Bernardino matára a sua tia.

O Bernardino é tambem acusado de, por mais de uma vez, ameaçar de morte o seu irmão José da Costa e seu filho, por estes fazerem tambem provas contra ele.

Pelo Governo Civil

Na ausencia do sr. governador civil de Lisboa, encontra-se no exercicio de chefe do distrito o sr. dr. Antonio Joyce, e de secretario geral, o sr. Aurelio Neto, chefe da 1.ª repartição.

IMPRENSA

«Nação Portuguesa»

O 4.º numero desta bela revista de cultura nacionalista, agora publicado, insere colaboração de Antonio Sardinha, Hipolito Raposo, Cesar A. de Oliveira, Nuno de Montemór, Manuel Múrias, etc.

A *Nação Portuguesa* continua a publicar todos os ineditos do grande pensador e poeta nacionalista Antonio Sardinha.

Chefe do Estado

Por se encontrar doente, não deu hoje recepção o sr. Teixeira Gomes.

Comissões politicas

E' hoje esperada no rapido da noite, uma comissão delegada das comissões politicas do P. R. P. de Coimbra.

UMA ENTREVISTA OPORTUNA

"Considero este incidente do Guadiana a terceira e a mais perigosa de todas as ofensivas dos armadores espanhoes,,

diz-nos

Carlos Fuzeta

O Diario de Lisboa, *como o fizeram outros jornais, enviou ao Algarve um seu redactor para de perto se ocupar da questão do Guadiana e da pesca—que são duas questões diversas.*

A maior parte do trabalho do nosso representante especial não pode neste momento ser destinado a publicidade.

Não queremos porém deixar de oferecer aos nossos leitores a sumula da entrevista elucidativa concedida pelo sr. dr. Carlos Fuzeta, considerado advogado e uma das mais fortes e activas inteligencias do Algarve.

Nessa entrevista se faz o resumo da historia dos incidentes com os espanhois, e se relata o que—no dizer do sr. dr. Carlos Fuzeta—têm constituido as três ofensivas contra os direitos dos pescadores e armadores portugueses.

Eis as primeiras palavras do sr. dr. Carlos Fuzeta:

—Considero este caso do Guadiana a terceira ofensiva dos armadores de Ayamonte, Isla Cristina e Huelva, dirigidos por D. José Tejero. E considero-a, por varios motivos—a mais perigosa de todas.

A primeira ofensiva

Depois faz a historia:

—A primeira ofensiva foi em 1915. O governo espanhol convidou o governo portuguez para uma conferencia em Madrid. O pretexto era a negociação dum tratado de comercio luso-espanhol. Começou a conferencia. E os delegados espanhoes previamente declararam que a condição *sine qua non* para se estudar o tratado era a liberdade de pesca em toda a extensão das aguas jurisdicionaes. Os armadores do sul de Espanha e os seus representantes iludiram o governo espanhol, alardeando que o Ministro dos Negocios Estrangeiros de Portugal, em 1914, prometera ao Ministro de Espanha em Lisboa, que se chegaria a um acordo sôbre liberdade de pesca.

—E era verdade?

—Não o sei. Sei que tambem afirmavam ao governo espanhol que contavam com a adesão de alguns armadores portuguezes de atum que teriam prometido apoiar a ideia da liberdade de pesca, com a condição de não haver, de portuguezes, nem de espanhoes, pesca de sardinha na temporada do atum.

—E os delegados portuguezes, o que responderam ás pretensões espanholas?

—Dissemos-lhes «que não», por dois motivos: em nome dos interesses materiaes, porque a liberdade de pesca, sob qualquer aspecto, seria a ruina das nossas grandes industrias: a pesca e a conserva; e em nome dos interesses moraes, porque — acentuámos muito expressamente—qualquer fórma de liberdade de pesca magoaria o sentimento nacional.

—Falhou assim a primeira tentativa...

A segunda ofensiva

Passemos agora a historiar a segunda ofensiva dos armadores espanhois, orientada pelo industrial e grande influente politico D. José Tejero:

—Foi o ano passado. A preparação foi assim feita: Depois de sucessivos incidentes, por eles provocados, na nossa costa ocidental, com o abuso da dinamite, e na barra do Guadiana—onde uma canhoneira espanhola apreendeu barcos portugueses—insinuaram os espanhois que era necessaria uma conferencia entre os dois governos, para se estudar a forma de evitar e remediar conflitos—no supremo interesse dos dois paises...

—A conferencia realizou-se em Lisboa...

—E os delegados espanhois apresentaram a seguinte questão previa: liberdade para os pescadores do país vizinho pescarem para fóra de 3 milhas da nossa costa. Mas, com o pretexto de que era dificil fixar no mar a linha imaginaria das 3 milhas, propuzeram a liberdade de pesca de 16 braças para fora. E a 16 braças, na costa do Algarve é a pouco mais duma milha e é fora das 16 braças que se encontram os cardumes de sardinha...

—E os delegados portugueses?

—Ventilaram a conveniencia de examinar o problema do Guadiana, depois de se ter arrumado num projecto a questão de reprimir o emprego da dinamite. Tendo notado que os portugueses não podiam transigir nas pretensões de liberdade de pesca—para fóra quer de 3 milhas, quer de 16 braças—os delegados espanhois declararam que não abordariam o problema do Guadiana, porque não se julgavam com poderes para isso; e que isso se lhes afigurava da exclusiva competencia duma comissão de limites. Observaram os portugueses que a comissão mixta podia examinar o problema, sem avocar poderes deliberativos—o que facilitaria aos dois governos pela troca de impressões e pela exposição de factos,—o pronunciarem-se depois.

—Qual foi a resposta dos delegados espanhois?

—A isso responderam que iam comunicar ao governo a exposição de principios feita pelo presidente da Comissão Mixta, sr. Almeida de Eça, sem pronunciarem uma palavra a respeito dela.

—Como foi a preparação dessa segunda ofensiva?

—Alardeavam os que nela estavam interessados que as esferas oficiais em Portugal eram favoraveis á pretensão da pesca fóra das 3 milhas. E, para insinuarem a sua convicção, até pareciam dispostos a aconselhar uma arbitragem em que o delegado espanhol fôsse Odon de Buen e o delegado português o almirante Augusto Neuparth. Por outro lado, mostravam-se satisfeitos por haver, entre os delegados portugueses da Associação Industrial, um armador talvez mais interessado em Espanha do que em Portugal.

Mas, comos os leitores se lembram, os pescadores e armadores portuguezes impuzeram a substituição do sr. Henrique Sales pelo sr. dr. Carlos Fuzeta.

Afirmações de D. José Tejero

O nosso entrevistado prossegue:

—D. José Tejero, logo que uiu que os delegados portuguezes não podiam votar a liberdade de pesca — fóra das 16 braças ou das 3 milhas — pronunciou varias afirmações que estão assim registadas na acta:

«Pide que le sea licito exponer á la consideración de la Comision Portuguesa, que si el Gobierno de España, no tomando represalias, quero si procediendo para con Portugal en reciprocidad, dicta leyes semejantes á las en Portugal promulgadas, interpretandolas con el criterio exacto que viene imperando en las autoridades portuguesas, quedará imposibilitado el puerto de Vila Real de Santo Antonio para que entren en el mismo los buques pesqueros portugueses, toda vez que para ello tieñen que atravesar aguas españolas, en las

(Vêr continuação na 8.ª pagina).

Pelos teatros

A II Festa do Fado

Gil Ferreira, que é hoje um dos nossos primeiros actores comicos, vai na «Festa do Fado» interpretar com tôda a sua comprovada proficiencia o principal papel do

GIL FERREIRA

episodio em 1 acto «Por causa do Fado», original do illustre poeta Antonio Boto.

Esta noite, que é todo ele um vibrante e apaixonado acontecimento decorrendo no ambiente soturno da Mouraria, está sendo montada com todo o rigor caracteristico.

Gil Ferreira vai, decerto, mostrar-nos mais uma das facetas do seu valor histrionico.

«A Malquerida»

A nova companhia de declamação dirigida pelo dramaturgo Alfredo Cortez, tendo realizado com grande sucesso espectaculos em Setubal e em Evora e havendo efectuado apenas no teatro Avenida duas recitas da brilhante peça «A Malquerida», de Benavente, na sua passagem por Lisboa e antes de seguir para o norte, realizará três espectaculos, a começar depois de amanhã, neste teatro, com a referida peça, cedendo deste modo a varias solicitações do publico. Conforme é do dominio publico, «A Malquerida», sobre ser uma peça de grande intensidade dramatica, tem ainda um determinho notabilissimo por parte de Adelina Abranches, na personagem principal, secundada por Ester Leão e tendo magnificos papeis, entre outros, Constança Navarro, Teresa Taveira, Alice Rodrigues, Irene Benamor, Sacramento, Clemente Pinto, Teodoro Santos, etc.

Atrás do reposteiro

Parece que a Direcção Geral de Belas Artes está na intenção de submeter ao criterio do Conselho Teatral o pedido de demissão de socictario do Nacional, apresentado pelo actor Ribeiro Lopes, por não concordar com a saida deste artista do quadro d'aquele teatro.

—No Teatro Apolo realiza-se hoje a recita do actor Duarte Costa, representando-se a opereta «O Moleiro de Alcalá», desempenhando o festejado, com Emilia Fernandes, a comedia «D. Ramon de Capichuela», de Julio Dantas.

—Está indigitado para administrador do Teatro Nacional, logar que já exerceu durante duas epocas, o sr. Augusto Pina.

—A estreia da bailarina Lolita Baldó, que se realiza brevemente em Lisboa, efectuar-se-ha em dia e na casa do espectaculos que oportunamente serão anunciados.

—Estreia-se amanhã no Sá de Miranda, de Viana do Castelo, a companhia Lucilia Simões-Erico Braga, que dali segue para a Povoa de Varzim, onde tem marcada uma serie de espectaculos.

—Na proxima sexta-feira sobe á scena no teatro Apolo o «sainete» popular, de Lourenço Rodrigues, musica do maestro Luz Junior, «O Menino do Castelo», no qual aparece o actor Antonio Gomes, da Trindade.

—Acentuam-se as melhoras do actor João Lopes, da companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, recentemente operado na enfermaria de S. Fernando, do hospital do Desterro.

—Novas noticias do Rio de Janeiro dizem que continua sendo enorme o sucesso obtido no teatro Republica daquela cidade pela companhia Armando de Vasconcelos, que já está sendo anciosamente aguardada em S. Paulo, onde irá fazer uma serie de espectaculos.

—Prosseguem os trabalhos de conclusão do teatro Variedades, no Parque Mayer, para o qual está já organizada uma Companhia, que será dirigida pelo actor Nascimento Fernandes.

TEATRO APOLO

HOJE ás 21-30 HOJE

RECITA de DUARTE COSTA

O MOLEIRO DE ALCALÁ

D. RAMON DE CAPICHUELA

Politeama Emp. Luis Pereira — Telef. 3028 N.

HOJE, ás 21-30 em ponto

O LEAO DA ESTRELA

Protogonista, CHABY PINHEIRO

Extraordinario exito de gargalhada

Sortes grandes?

só o PINA as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

"SANTINITINE"

O MELHOR DE TODOS OS LICORES

DEPOSITO GERAL

70, 2.º — RUA AUGUSTA — 70, 2.º

TELEF. C. 1196

PARTEIRA

Judite Silva

Rua dos Fanqueiros, 96, 4.º

CONSULTAS sobre gravidez e faltas de menstruação. Das 2 ás 6 da tarde. Recebe clientes em casa.

Caminhos de Ferro do Estado

Concurso para a adjudicação da venda de uma caldeira de vapor

ANUNCIO

Pelo presente anuncio se faz publico que no dia 22 deste mez pelas 13 horas, perante a direcção dos caminhos de ferro do Sul e Sueste e na sua sede, rua de S. Mamede n.º 63, ao Caldas, Lisboa, se ha proceder a concurso publico para a adjudicação da venda de uma caldeira usada, do vapor «Alemtejo I».

Para ser admitido á licitação deverá o concorrente mostrar que efectuou em qualquer das tesourarias dos caminhos de ferro do Estado, até ás 15 horas do ultimo dia util anterior ao do concurso o deposito provisorio de 437$50.

O concorrente a quem fôr feita a adjudicação terá de reforçar o seu deposito provisorio no praso de oito dias contados da data em que a mesma lhe fôr notificada, com a quantia necessaria para prefazer 5 %, da importancia total da mesma adjudicação constituindo, assim, um deposito definitivo que por intermedio da direcção do Sul e Sueste, será transferido para a Caixa Geral dos Depositos onde ficará á ordem da mesma direcção.

Este reforço deverá efectuar-se na mesma tesouraria em que tiver sido realisado o deposito provisorio devendo na ocasião ser entregue uma folha de papel selado não utilisada.

As propostas serão feitas nos modelos especiais que o caminho de ferro fornecerá e só essas poderão ser tomadas em consideração.

O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes no serviço de armazens gerais, calçada do Correio Velho, 17, 1.º, Lisboa e na direcção do Minho e Douro, Porto, onde podem ser examinados em todos os dias uteis, das 11 ás 16 horas.

Lisboa, 23 de julho de 1925.

Pelo engenheiro chefe do serviço de armazens gerais

(a) Julio José dos Santos

CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO

Concurso para a adjudicação da compra de creosote

Anuncio

Pelo presente anuncio se faz publico que no dia 5 do proximo mês de Setembro, pelas 13 horas, perante a Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e na sua sede, rua de S. Mamede n.º 63, ao Caldas, Lisboa, se ha de proceder a concurso publico para a adjudicação da compra de 400 toneladas de creosote, em dois lotes.

Para ser admitido á licitação deverá o concorrente mostrar que efectuou em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até ás 15 horas do ultimo dia util anterior ao do concurso, o deposito provisorio de 9.500$00.

O concorrente a quem fôr feita a adjudicação terá de reforçar o seu deposito provisorio no praso de oito dias contados da data em que a mesma lhe fôr notificada, com a quantia necessaria para prefazer 5 0/0 da importancia total da mesma adjudicação constituindo, assim, um deposito definitivo que por intermedio da Direcção do Sul e Sueste, será transferido para a Caixa Geral dos Depositos onde ficará á ordem da mesma Direcção.

Este reforço deverá efectuar-se na mesma Tesouraria em que tiver sido realizado o deposito provisorio, devendo na ocasião ser entregue uma folha de papel selado não utilisada.

As propostas serão feitas nos modelos especiais que o Caminho de Ferro fornecerá e só essas poderão ser tomadas em consideração.

O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes no Serviço de Armazens Gerais, Calçada do Correio Velho, 17, 1.º, Lisboa e na Direcção do Minho e Douro, Porto, onde podem ser examinados em todos os dias uteis, das 11 ás 16 horas.

Lisboa, 3 de Agosto de 1925.

Pelo Engenheiro Chefe do Serviço de Armazens Gerais, (a) Julio José dos Santos.

THE MATCH AND TOBACCO TIMBER SUPPLY COMPANY

Sociedade anonima, responsabilidade limitada

CAPITAL { Autorizado Lb. 1:000.000 / Emitido Lb. 100.000

Séde — Rua de S. Julião, 139 — LISBOA

Entrega de acções da emissão de 1924

São avisados os Srs. Accionistas de que as Acções lhes serão entregues contra os Recibos provisorios, **devidamente endossados pelas entidades a favor de quem foram emitidos**, pela forma seguinte:

Aos subscritores por Acções da Companhia Portuguesa de Phosphoros:

Na rua de S. Julião, 139 — Das 13 1|2 ás 16 1|2 horas

Recibos n.os	1 a 400	em 10	do corrente	
» »	401 a 800	» 11	»	»
» »	801 a 1200	» 12	»	»
» »	1201 a 1404	» 14	»	»

Aos subscritores por Acções da Companhia dos Tabacos de Portugal:

EM LISBOA (NUMEROS IMPARES)

Na Avenida da Liberdade, n.º 12 — Das 11 ás 15 horas

Recibos n.os	1 a 501	em 12	do corrente	
» »	503 a 1051	» 13	»	»

NO PORTO (NUMEROS PARES)

No Campo 24 de Agosto, n.º 31 — Das 11 ás 15 horas

Recibos n.os	2 a 440	em 12	do corrente	
» »	442 a 868	» 13	»	»

Passados os prazos acima referidos, as entregas serão efectuadas na 1.ª sexta-feira de cada mês, nos mesmos locais, ás horas acima indicadas.

The Match And Tobacco Timber Supply C.º

Os Administradores

(a) Dr. João Ulrich

(a) D. L. Lancastre

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

LISBOA — RUA DO OURO, 18, 24

PORTO — PRAÇA DA LIBERDADE, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras — Fundos publicos nacionais e estrangeiros

MOBILIAS

Boa construção e esmerado acabamento

Antiga Marcenaria do Desterro

Grande baixa de preços

MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR

Fabricante profissional

Oficinas e salão de vendas

17 a 29 - Rua do Desterro - 17 a 29

BRILHANTES

e toda a especie de joias quem compra pelo mais alto preço é sem duvida a joalheria

BARRETO & GONÇALVES, LTD.

17 — RUA EUGENIO DOS SANTOS — 17

Antiga Rua de Santo Antão

(PRIMEIRA OURIVESARIA VINDO DO ROCIO)

TELEFONE N. 3759

EDEN TEATRO Telef. N. 3800

Empresa Conceição Silva, Ltd.

Hoje ás 21-30 Hoje

A CIDADE

ONDE A GENTE SE ABORRECE

Ampliada com o episodio A' BICA

TEATRO MARIA VITORIA TELFE. N. 3644

HOJE ás 8-30 e 10-30

RATAPLAN!

Formidavel sucesso do quadro novo

O BICHO DA SERRA DE SINTRA

MAPLES

POR CONTA DO FABRICANTE

FAZEM-SE DIVERSOS

FABRICAÇÃO GARANTIDA

182 — RUA DA ROSA — 190

DR. ARBUES MOREIRA

CLINICA MEDICA

DOENÇAS PULMONARES

CONSULTAS AS 4 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

BRILHANTES GRANDES

SEM DEFEITO, paga de 3.000$00 para cima o quilate, perolas, esmeraldas e joias, superior a qualquer oferta. Rua 24 de Julho, 60, 1.º (a Santos).

CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO

Concurso para a adjudicação da venda de uma porta-batel

Anuncio

Pelo presente anuncio se faz publico que no dia 21 do corrente mês de Agosto, pelas 13 horas, perante a Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e na sua séde, rua de S. Mamede, n.º 63, ao Caldas, Lisboa, se ha de proceder a concurso publico para a adjudicação da venda da porta-batel, usada, da doca destes Caminhos de Ferro, no Barreiro.

Para ser admitido á licitação deverá o concorrente mostrar que efectuou em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até ás 15 horas do ultimo dia util anterior ao do concurso o deposito provisorio de 10$00.

O concorrente a quem fôr feita a adjudicação terá de reforçar o seu deposito provisorio no praso de «oito dias» contados da data em que a mesma lhe fôr notificada, com a quantia necessaria para prefazer 5 0|0 da importancia total da mesma adjudicação constituindo, assim, um deposito definitivo que por intermedio da Direcção do Sul e Sueste, será transferido para a Caixa Geral dos Depositos onde ficará á ordem da mesma Direcção.

Este reforço deverá efectuar-se na mesma Tesouraria em que tiver sido realizado o deposito provisorio, devendo na ocasião ser entregue uma folha de papel selado não utilizada.

«As propostas serão feitas nos modelos especiais que o Caminho de Ferro fornecerá e só essas poderão ser tomadas em consideração.»

O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes no Serviço de Armazens Gerais, Calçada do Correio Velho, 17, 1.º, Lisboa e na Direcção do Minho e Douro, Porto, onde podem ser examinados em todos os dias uteis, das 11 ás 16 horas.

Lisboa, 4 de Agosto de 1925. — Pelo Engenheiro Chefe do Serviço de Armazens Gerais — (a) Julio José dos Santos.

Caminhos de Ferro do Estado

Concurso para a adjudicação da compra de oleo de linhaça

Anuncio

Pelo presente anuncio se faz publico que no dia 24 de agosto, pelas 13 horas, perante a direcção dos caminhos de ferro do Sul e Sueste e na sua séde, rua de S. Mamede, n.º 63, ao Caldas, Lisboa, se ha de proceder a concurso publico para a adjudicação da compra de 8.000 quilos de oleo de linhaça cru, genuino.

Para ser admitido á licitação deverá o concorrente mostrar que efectuou em qualquer das tesourarias dos caminhos de ferro do Estado, até ás 15 horas do ultimo dia util anterior ao do concurso o deposito provisorio de 1.000$00.

O concorrente a quem for feita a adjudicação terá de reforçar o seu deposito provisorio no prazo de oito dias, contados da data em que a mesma lhe for notificada, com a quantia necessaria para prefazer 5 p. c. da importancia total da mesma adjudicação, constituindo assim um deposito definitivo, que por intermedio da direcção do Sul e Sueste, será transferido para a Caixa Geral dos Depositos, onde ficará á ordem da mesma direcção.

Este reforço devará efectuar-se na mesma tesouraria em que tiver sido realisado o deposito provisorio, devendo na ocasião ser entregue uma folha de papel selado não utilisada.

As propostas serão feitas nos modêlos especiais que o caminho de ferro fornecerá e só essas poderão ser tomadas em consideração.

O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes no Serviço de armazens gerais, calçada do Correio Velho, 17, 1.º, Lisboa, e na Direcção do Minho e Douro, Porto, onde podem ser examinados em todos os dias uteis, das 11 ás 16 horas.

Lisboa, 24 de Julho de 1925.

Pelo engenheiro chefe do serviço de armazens gerais

Julio José dos Santos

RESTAURANT
"Ferro d'Engomar"
NOVA GERENCIA
Aberto toda a noite

ESTRANGEIRO

DR.ª IZABEL PEREIRA
Doenças uterinas. Com pratica nos Hospitais de Paris.
2 ás 5. Rua Garrett 80, 1.º— Telef. 582 N.

DE FRANÇA

O apelo

aos francezes
para o novo emprestimo
foi feito
pela radio-fonia

PARIS, 12

Painlevé dirigiu pela radiofonia um apêlo a toda a França, mostrando-lhe a necessidade de subscrever o novo emprestimo, ajuntando que este é uma verdadeira batalha financeira semelhante ás que se travam em Marrocos.

Se fôr ganha, o equilibrio entre as receitas e as despesas será um facto.

A França — termina — venceu no Marne porque quiz vencer.

Será por uma livre vontade que saberá triunfar das dificuldades actuais. — (L.)

Caillaux
e a situação financeira francesa

PARIS, 12

Caillaux recebeu esta manhã no seu gabinete os jornalistas ingless e americanos a quem expôs a situação financeira da França, declarando depois que nenhuma resolução definitiva tomára ainda ácerca das suas projectadas viagens a Washington e Londres.

Referindo-se á campanha de Marrocos, disse que ela custára á França, até agora, duzentos milhões de francos, mas que á sua conclusão não irá além de duzentos e quarenta. — (L.)

Chegaram
alguns feridos de Marrocos

TOULON, 12

Um conselho do serviço de saude examinou os repatriados, feridos e doentes que voltaram de Marrocos.

Os oficiais do conselho declararam que o serviço sanitario funciona normalmente nos territorios onde se combate. Os hospitais das cidades marroquinas têm igualmente uma organização perfeita.

O ministro da Guerra enviou o medico general Toubert, inspector do exercito, como seu delegado a Toulon, para se informar da maneira como são recebidos os repatriados de Marrocos em Toulon e das condições em que eles são instalados em Saint-Anne e em Saint-Madrier para se curarem. — (H.)

PARIS, 12

Caillaux tenciona, no caso de ir a Washington, solicitar do governo norte-americano as mesmas facilidades concedidas a outros paizes para o pagamento da divida. — (L.)

Policlinica do Conde Barão
Largo do Conde Barão, 12, 1.º
Telef. Central 1902
Doenças dos olhos — A's 5 horas — Dr. Medeiros d'Almeida.
Doenças dos rins e vias urinarias — A's 3 horas — Dr. Bastos Lopes.
Doenças dos ouvidos, nariz e garganta — A's 2 horas — Dr. Manuel Pinto.
Cirurgia geral — Operações — A's 2 1|2 horas — Dr. Santos Paiva.
Clinica geral — A's 2 horas — Dr. Fernando Cabral.
Doenças das senhoras — A's 5 horas — Dr. Manuel de Almeida e Vasconcelos.
Analises clinicas — Dr. Anibal de Magalhães.
Doenças venereas e sifiliticas — A's 2 horas — Dr. Oliveira Zuquet.
Doenças de boca e dentes — A's 3 horas — Brum da Silveira.
Clinica medica — Doenças do coração e pulmões — Doenças nervosas, electroterapia — A's 4 horas — Dr. Luiz Pacheco.
Raios X — Massagens

INGLATERRA

As sanções

a aplicar
A ALEMANHA
e a conferencia
Briand-Chamberlain

LONDRES, 12.—Nas suas conferencias Briand e Chamberlain examinaram esta tarde as sanções a aplicar á Alemanha no que respeita ao pacto de segurança.

Os dois ministros estão ambos animados do mesmo desejo de chegarem a um resultado e esforçaram-se, por meio de concessões reciprocas, por encontrar uma formula satisfatoria para os dois governos.

Trata-se de encontrar a formula que permita á França proceder directamente em certos casos que tenham o caracter de «casus belli», estabelecendo ao mesmo tempo distinção entre violação de fronteira e incursão em zona ocupada.

Briand declarou aos jornalistas que o estado actual das discussões permite encarar para ámanhã um acordo completo sobre todos os pontos.—(H)

Apreensões de documentos importantes

LONDRES, 12.—No fim da semana passada a policia de segurança fez uma visita a alguns locais de Soho, bairro habitado principalmente por italianos, suiços, russos e outros estrangeiros.

Apreendeu alguns documentos, mas não fez qualquer prisão. Os documentos provam que existe um movimento muito extenso de propaganda comunista no exercito inglês. Os «meneurs» deste movimento pertencem a uma pequena secção comunista, que parece ter á sua disposição importancias consideraveis e que no proprio exercito tem filiados que são bem remunerados, mas que é dificil apanhar em flagrante delito.—(H.)

Experiencia de novos aeroplanos

LONDRES, 12—O jornal «Observer» diz constar-lhe que o secretario de Estado da aviação assistirá ás experiencias de um dos novos aeroplanos munidos de dois motores que actualmente se estão construindo em Felixstowe. As experiencias devem começar na proxima segunda-feira ao longo da costa e no mar do Norte. E' possivel que o secretario de Estado da aviação seja acompanhado por um ou dois dos seus colegas do gabinete.—(H.)

Convença-se V. Ex.ª
do efeito refrescador da
Pasta Dentifrica
PEBECO
bem como
do seu extraordinario poder
de limpeza

ALEMANHA

A' festa
da Associação
da Bandeira do Imperio
assistiram
500.000 pessoas

BERLIM, 12

A festa organisada por ocasião do aniversario da Republica pela Associação da Bandeira do Imperio realizou-se nos terrenos de Treptow.

O «comité» organizador avalia em 500.000 o numero de pessoas que tomaram parte na festa.

Os discursos foram pronunciados pelo burgomestre de Berlim, que lembrou que por ocasião das ultimas eleições legislativas 1.550.000 berlinenses votaram pela Republica. O presidente da Associação da Bendeira do Imperio tambem discursou, declarando, entre outras coisas, que a Constituição de Weimar devia reunir tudo quanto fosse alemão e que o grande pensamento alemão está identificado com a Constituição Republicana de Weimar.

O orador, pronunciou-se em seguida, contra os julgamentos feitos contra os partidarios da jovem Republica. «O fim da Associação A Bandeira do Imperio, disse ele, é fazer a Republica para os republicanos.

A situação está, infelizmente, alterada no Este; a Polonia colocou-se, moralmente mal, em face do mundo.

O que ela fez para com os adoptantes alemães encheu-nos de pavor. Devemos fazer tudo para aliviar a situação destes ultimos».

O orador terminou saudando a memoria do presidente Ebert, e levantando um viva á Republica. — (H.)

Comemorando
a constituição da Republica

BERLIM, 12

No «Reichstag» realizou-se hoje a cerimonia oficial da comemoração da Constituição, estando presentes o Presidente da Republica, marechal Hindenburg, o chanceler Luther, os restantes ministros, todos os deputados, á excepção dos comunistas, representantes de todos os estados alemães e grande multidão de povo.

Pronunciaram-se varios discursos, todos eles enaltecendo a Constituição e a obra puramente alemã que ela tem realizado e que permite assegurar o desenvolvimento e a prosperidade da Alemanha.

O marechal Hindenburg passou em revista o regimento que fazia a guarda de honra, sendo muito aclamado pela multidão. — (H.)

MUNICH, 12

Segundo uma ordem emanada do ministro de estado bavaro, os edificios publicos deverão embandeirar unicamente com as côres bavaras por ocasião da visita do presidente Hindenburg, que deve realizar-se no proximo dia 12 do corrente. — (H.)

BERLIM, 12

O ministro da Prussia proibiu aos funcionarios de trazerem, em serviço, qualquer insignia politica, seja ela qual fôr. — (H.)

Já não tomo chá Hysson,
Troquei tudo por BEM-BOM.

DR. MIGUEL DE MAGALHAES
Monitor da clinica de Necker—Paris
RINS e vias urinarias. Venereologia e sifilis
T. N. de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 horas
TELEFONE 5205-N.

PAPEIS PINTADOS
GRANDE E VARIADO SORTIMENTO
Desenhos em todos os generos
VITRAUx
PREÇOS MODERADOS
ESPECIALIDADE EM MOVEIS ESTOFADOS Á NGLESA
CASTANHEIRO FREIRE LTD.ª—Praça Luiz de Camões, n.º 37—LISBOA—Telefone: C. 1346

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
Londres, cheque	97$00	97$25
Paris	$93	194
Madrid	—	2$90
Nova-York	—	20$05
Amsterdam	—	8$06
Suiça	—	3$90

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
Bruxelas	—	$91
Italia	—	$73
Praga	—	$60
Brasil	—	2$45
Libra esterlina	98$00	100$00
Agio do ouro	—	—

O PROBLEMA DA PESCA

QUAL

a razão da terceira ofensiva dos espanhóis?

(*Continuação da 5.ª pagina*)

cuales deben quedar detenidos, con el apresamiento de la pesca que conduzcan.»

Mas D. José Tejero não ficou por aqui...

E o dr. Carlos Fuzeta reproduziu-nos, para fechar o relato da segunda ofensiva, estas declarações de Tejero, registadas na acta da conferencia:

«Preciso es por consiguiente que desaparezcan recelos y prejuicios y que desde un plano superior de equidad y de justicia, se proponga por la Comision de los respectivos gobiernos, nórmas que reconozcan lo que sea de imprescindible decesidad y de conveniéncia evidente para los pescadores de uno y otro pais, *ya que frente a las costas de Portugal y de España existe sardina, que los pescadores de las zonas limitrofes de una y otra nación tienen interss en aprovechar por medios licitos y racionales.*»

A terceira ofensiva

Passemos agora á terceira ofensiva:

—Como viram que de nenhum modo conseguiam os seus objectivos, e que nada tinham já que prometer nem que apresentar—D. José Tejero iniciou violentamente a terceira ofensiva, tomando como pretexto a questão do Guadiana que propositadamente se esquivára a tratar na conferencia, mesmo em simples troca de impressões. Engendrou-se, então, um plano que eu não, por emquanto devo, revelar, mas que exporei ao sr. ministro da Marinha logo que isso se torne possivel.

E recordando:

—Em abril ultimo, pela imprensa, preveni o governo do que ia suceder no Guadiana. Passou despercebido, certamente pela insignificancia da minha pessoa. O Algarve estava todo prevenido do que ia acontecer. Sabiam-no os interessados na pesca e na conserva, e os intelectuais que seguem esta questão apenas por amôr ao país.

—Esta terceira ofensiva tambem teve uma preparação?

—Tambem. E logo que seja conveniente, dar-lhe-ei os seus pormenores.

O sr. dr. Carlos Fuzeta termina assim:

—Não posso adiantar mais nada. Uma coisa ha, porém, em que não concordo:—é em que se procure estabelecer, á volta da questão, o silencio, na imprensa e no Parlamento, e não sei se nos organismos interessados: Foi em nome do sentimento português, que se repeliram as duas ofensivas anteriores. E foram a imprensa e o Parlamento os melhores baluartes dos interesses nacionais.

O nosso ilustre entrevistado, que em toda a sua exposição poz uma grande elevação de conceitos, nunca deixando de traduzir a sua admiração pela Espanha e a sua confiança em que a questão se resolva a contento dos interesses nacionais, sem melindre para os espanhois, fechou a conversa com afirmações optimistas, mas de um optimismo sincero, que é afinal o que nos anima a todos, jornalistas e politicos.

Começam a retirar

os navios espanhois de Ayamonte

AYAMONTE, 12—Ao contrario do que se esperava, não chegou qualquer novo barco de guerra espanhol. O cruzador ligeiro que viera ha dois dias, retirou, ficando aqui as canhoneiras «Vasco Nuñez» e «Zéphyre» e o «destroyer» «Cadarso».—(Especial.)

OS GRANDES DE PORTUGAL

Columbano

FOI HOJE GLORIFICADO

A homenagem a Columbano—foi grande porque foi sobria. O genio tem a força do silencio. O artista foi apanhado de improviso—e não quiz palavras, nem os seus discipulos as consentiram. Quando começou a homenagem eram 3,30.

* * *

Figuras espalhadas nas salas do Museu de Arte Contemporanea. Magro, perfil macerado, em volta dos alabastros claros—Teixeira Lopes. Já lá tinha estado Brito Camacho, que, para não ser desencantado pela multidão—pouco se demorou. Dr. Reinaldo Santos e dr. José de Figueiredo, Pedro Bordallo Pinheiro, sobrinho do Mestre, temperamento de artista; Conceição Silva, indumentaria romantica; Chaby Pinheiro, rolando devagarinho; Augusto Pina, sempre diplomata; Alfredo Morais, o dr. Manuel Bordallo, irmão de Columbano, etc.

* * *

Todos os discipulos de Columbano. Martinho da Fonseca—que promoveu a homenagem; Romano Esteves, Teodosio Ferreira. Columbano—diz apenas muito obrigado aos cumprimentos. Os fotografos assediam-no.

* * *

Columbano dirige-se para o seu «atelier». Em frente de telas imortais, pintadas pelo artista imortal, tem lugar a cerimonia. Breve, discreta, mas profunda.

O pintor Romano Esteves lê a mensagem, cujos topicos foram escritos por Afonso Lopes Vieira. Depois, entrega a Colombano os autografos, reunidos numa magnifica encadernação.

Colombano, muito baixinho, diz apenas:

—Muito obrigado pela prova de consideração que me deram.

O atelier está cheio de gente. Ha um silencio fundo de admiração, um silencio de igreja, um silencio que é o mais eloquente comentario á obra extraordinaria do artista.

* * *

Segue a mensagem que foi lida, como acima dissemos, pelo artista Roma Esteves:

Os discipulos de Mestre Columbano têm a honra de exprimir ao Mestre querido e grande os sentimentos da admiração e de amisade.

Mestre Columbano representa para as gerações mais moças da sua época o mesmo que Antero do Quental significou para as do seuda Rosa, José Tagarro, Barata Feio.

Columbano avulta, entre os seus colegas europeus, como um dos mestres psicologos do retrato, e tambem como um dos mais estranhos e pessoais coloristas da pintura a oleo, dando-se á palavra colorista o sentido interior e misterioso que ela tem.

Produzindo a sua grande obra de pintor e ensinando os seus discipulos, Mestre Columbano é um dos mais belos exemplos de patriotismo e de amor á cultura do espirito nacional. Entre as suas obras de artista eminente, que possue como uma das qualidades primaciais esse tão raro dom do gosto, conta-se a obra admiravel do Museu de Arte Contemporanea onde a sua devoção estetica obteve, dispondo, aliás, de recursos limitados, que este museu nos honre e nos ilustre sem receio de ser comparado aos museus similares da Europa.

E' por todas estas razões que justificam tão plenamente a admiração ferverosa dos seus discipulos, e ainda por motivos de fiel e respeitosa amizade que o caracter do homem, tão intimamente ligado ao do pintor, lhes merece tambem, que nós saudamos em Columbano um grande Mestre da pintura e do espirito.

Francisco Romano Esteves, José Isidoro Ferreira Lobo, Alfredo Migueis, Henrique Franco, Martinho da Fonseca, Eduardo Gil Romero, Raul Carneiro, Joaquim Costa, Teodosio Alexandre Ferreira, Mario Reis, Antonio do Nascimento Caetano, Frederico de Carvalho, Pedro de Souza, Elisa Ornelas, Maria Clementina Carneiro de Moura, José Marinho, Sarah Afonso. Jorge Pinto, Teresa

O CASO DO GUADIANA

CAMINHA-SE

para a arbitragem?

O sr. dr. Vasco Borges, ministro dos Negocios Estrangeiros, teve ontem uma conferencia com os *leaders* dos grupos parlamentares.

Apezar da reserva que se guarda ácêrca dessa conferencia, conseguimos saber que no actual momento a questão está bem colocada pelo governo português. Foi redigida e deve já ter sido entregue a nota portuguesa, em resposta á espanhola.

O sr. ministro dos Negocios Estrangeiros está no proposito de revelar ao país os varios aspectos da questão do Guadiana, esclarecendo-a no Parlamento, de maneira a evitar as más interpretações que lhe têm sido dadas.

Podemos asseverar, com todos os vizos de verdade, que a questão vai ser submetida a arbitragem da Sociedade das Nações, levada pelo nosso governo.

Foi suspensa a entrada dos nossos barcos no Guadiana

(Do nosso enviado especial)

VILA REAL DE SANTO ANTONIO, 12.—Todos os armadores e pescadores daqui estão esperançados em que o governo, com a colaboração da comissão algarvia, consiga resolver em breve o lamentavel incidente de ha dias.

O Algarve está atravessando uma grave crise, devido, sobretudo, á falta de sardinha. Ora, de domingo para cá, o peixe voltou a ser muito abundante, tendo entrado neste porto numerosos galeões carregados. Ainda ontem, até ao principio da tarde descarregaram sardinhas no valor de muitos contos de reis.

Um telegrama do sr. João Medeiros, da comissão que está em Lisboa, para o Departamento Maritimo, levou este a suspender até nova ordem, para evitar qualquer conflito durante as negociações, a entrada de galeões portugueses carregados no Guadiana.

Este facto, embora se não prolongue, origina importantissimos prejuizos, visto que os galeões têm de descarregar a sardinha em Monte Gordo e noutros pontos da nossa costa atlantica.

A TARDE PARLAMENTAR

SERÁ

ou não prorogada a actual legislatura?

A questão predominante é hoje a prorrogação ou não prorrogação da sessão parlamentar. Ha duas correntes: uma, a que deseja «fiscalisar» os actos do governo e que, portanto, insiste na necessidade de continuar aberto o Parlamento, e outra que, encarando patrioticamente o momento que passa, entende que não é justo dar ao governo um apoio condicional e, portanto, é de parecer que as Camaras não pódem decorosamente ser prorrogadas.

Entre estas duas opiniões gira toda a intriga politica da tarde.

* * *

Sabemos que, se houver sessão, o governo, pela pasta das Finanças, apresentará esta tarde a proposta dos duodecimos.

E' claro que é escusado pensar que a Camara vote, nesta legislação, os duodecimos que estão por aprovar.

Nestes termos o governo pede 4 duodecimos. Aprová-los-ha a Camara? Estamos convencidos que sim.

Todos os parlamentares estão pessoalmente dispostos a dar o seu voto á proposta ministerial. E', no entanto, preciso ter em linha de conta que uma coisa é o voto «pessoal», outra coisa é o voto «colectivo». Pessoalmente concordam. Colectivamente é ainda neste momento uma incognita.

* * *

Diz-se que a parte conservadora do P. R. P. quere a prorrogação. O mesmo acontece com o P. R. N. Por outro lado, a extrema esquerda republicana, entende e muito bem, que não faz sentido dar por um lado apoio ao governo e negar-lh'o por outro, não lhe dando os meios necessarios de vida. De igual modo pensam o Grupo de Acção Republiana e os independentes. Nestes termos, supomos poder afirmar qua a proposta ministrial será aprovada, se não por unanimidade, ao menos por maioria.

A sessão

Na Camara dos Deputados, iniciou-se hoje a discussão duma proposta de lei que autoriza o governo a contrair um emprestimo de 30.000 contos para despezas de instalação do ensino universitario e primario, emprestimo que será amortizado no prazo minimo de 30 anos.

Aviação Maritima

Do Centro da Aviação Maritima levanteram esta manhã vôo, para Aveiro, dois hidro aviões H. S., tripulados, respectivamente, pelos 2.os tenentes José Cabral, Pedro Rosado e engenheiro Ernesto Costa, e pelo 2.º tenente Garim, conduzindo os 2.os tenentes Mario Costa e Ferreira.

O regresso faz-se amanhã.

A morte do policia 1048

O agente Otelo, efectuou hoje uma prisão a que se liga grande importancia, dum implicado na morte do guarda 1.048, Antonio da Cruz.

MANUCURE
só para senhoras
Perfumaria Flor de Lis, Limitada
RUA NOVA DO ALMADA, 83

MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
COM AGENTES NO BRASIL
Consultas das 10 ás 11 e das 15 ás 17.
R. DOS FANQUEIROS, 114